

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro
Estudo 10 - "A Reação do Profeta"
Jonas 1

Elaborado por Ana Maria Suman Gomes
anasuman@pibrj.org.br

Durante estes breves minutos, pensaremos sobre a reação do profeta Jonas a uma ordem que recebeu de Deus. As instruções foram bem claras: “A Palavra do Senhor veio a Jonas, filho de Amitai, com esta ordem: vá depressa à grande cidade de Nínive e pregue contra ela, porque a sua maldade subiu até a minha presença. Jn 1, 1-2.

Pouco sabemos a respeito de Jonas. Conhecemos o nome do pai dele, Amitai, que significa “verdade” ou “fidelidade”. O profeta provavelmente atuou nos dias de Jeroboão II, o mesmo rei que vimos ao estudar Amós. O nome Jonas significa “pomba” e o autor do livro, cujo nome desconhecemos, talvez tivesse escrito pensando que realmente seria excelente se Jonas fosse uma pomba que sempre trouxesse boas novas da parte de Deus.ⁱ Há muito simbolismo na figura da pomba. Foi uma pomba, por exemplo, a mensageira a Noé, no dilúvio. Para fortalecer esta idéia, outras passagens poderiam ser úteis: Oséias 7,11 e 11,11; Salmo 74,19.

Há uma forte tendência na pesquisa bíblica a colocar a época da redação do livro no mesmo período histórico de Esdras e Neemias, o que traria à mensagem de Jonas uma função adicional: apresentar o amor de Deus também pelos estrangeiros e por aqueles que praticam o mal. Isto porque a política de reconstrução levada a termo por Neemias e Esdras, valorizava muito a nacionalidade e estimulava a eliminação dos estrangeiros, o que era compreensível

porque estavam incumbidos da reconstrução do sentimento de povo eleito por Deus. De certa forma, a leitura deste pequeno livro confirma as conclusões da pesquisa, vez que desde o primeiro capítulo e até o último, enxergamos a ação inclusiva de Deus, perdoadando e buscando a todo o que O ouvir e obedecer.

Conteúdos sociológicos e teológicos do livro o inserem no centro das discussões sobre a relação de Israel com outros povos, a eleição de Israel e a misericórdia e fidelidade exclusiva de Deus para com o povo.ⁱⁱ No entanto, não é o nosso propósito discorrer sobre as características do texto que alimentam esta possibilidade para sugerir a data em que o livro foi produzido.

A ordem foi para que Jonas se levantasse e se apressasse. Não há muito tempo a perder, quando se trata de dar boas novas e de conclamar pessoas e povos ao arrependimento. Nínive, cidade importante e que representava o poderio do império Assírio com toda a sua crueldade, precisava ser apresentada ao perdão de Deus, disponível que estava a todos os que desejasse reformular a vida.

A cidade de Nínive estava localizada na margem oriental do Rio Tigre, ao norte do atual Iraque, distante 900km de Jerusalém. Na posição de capital do Império Assírio, era cidade considerada inimiga pelos judeus. Jonas a temia, a condenava. Para ele, ali habitavam pessoas desqualificadas. Talvez o susto

que levou, quando Deus o mandou pregar àquele povo, deve ter sido maior do que o que habitualmente imaginamos. Além de precisar vencer as suas próprias barreiras, ele ainda tinha medo de ser morto. Por isso, optou por fugir.

O texto bíblico nos diz que ele fugiu da presença do Senhor e foi para Tárzis. Antes de pensarmos sobre a cidade escolhida por Jonas, imaginemos a inutilidade e ao mesmo tempo a gravidade de, deliberadamente, optarmos por fugir da presença de Deus. Enquanto redigia este estudo, tratei de assunto que nos foi encaminhado pela Sala de Oração da página de nossa igreja. A pessoa, que escrevia de bem longe, pedia orações porque, desanimada com o que chamou “a frieza da igreja”, estava planejando se afastar do Evangelho. É também uma fuga para Tárzis que esta pessoa planeja. Que estejamos conscientes de que a melhor coisa que podemos fazer é permanecer na presença de Deus e a Ele obedecer.

Tárzis, naquela época, era uma colônia fenícia, localizada no litoral atlântico sul da Espanha. Outras menções a Tárzis podem ser encontradas em Sl 72,10; Isaías 66, 19; Jr. 19,9 e Ez 27,12. Importante para o comércio, dirigir-se a Tárzis, para o judeu de então, era como passar alguns dias em um balneário. Jonas quis descansar, pagou a passagem e desceu até Jope, onde o navio para Tárzis o encantava. Pensava ele que assim Deus desistiria de ocupá-lo com tarefas indesejadas. Jonas e nós somos muito parecidos e insistimos em achar nossos escapes sem nem nos importarmos em gastar dinheiro para, supostamente, encontrar a paz onde nunca poderá ser achada.

A misericórdia de Deus não era apenas para os habitantes de Nínive. Ela também alcançou Jonas, o homem que fugia. Haveria esperança para o povo de Nínive, haveria, também, vitória para o profeta. Esta é uma das mais lindas certezas da Bíblia: sempre haverá esperança, se deixarmos de lado a nossa resistência e nos apropriarmos dos caminhos de Deus. Desta feita, o amor de Deus se fez presente em uma tempestade. Curioso e intrigante.

Nosso texto bíblico diz que Deus “fez soprar um forte vento sobre o mar” e a tempestade que se formou quase fez soçobrar aquele navio. Os marinheiros, com medo da fúria do vento, começaram a jogar o peso ao mar enquanto, no porão, Jonas dormia. Muito denunciador este sono de Jonas. Será que podemos dizer que mais uma vez ele fugia?

A bela e empolgante história pode ser lida no livro, mas há alguns aspectos que precisam ser aqui destacados. Primeiro, apontamos a disposição dos marinheiros e do capitão para achar soluções, alternativas para a crise. Eles foram ágeis e tentaram tudo o que podiam para vencer a tempestade e salvar vidas. Uma dessas providências foi buscar identificar, pelo sorteio, a pessoa que havia atraído a ira do mar. A sorte apontou para Jonas. Diante do dorminhoco, perguntaram: “diga-nos, quem é o responsável por esta calamidade? Qual é a sua profissão? De onde você vem? Qual é a sua terra? A que povo você pertence?” (Jn 1,8).

Em seguida, observamos que Jonas conhecia muito bem a sua identidade. Claro que não estamos aqui destacando o nome. Jonas tinha plena consciência da sua razão de ser, razão por que respondeu: “eu sou hebreu, adorador do Senhor, o Deus dos céus, que fez o mar e

a terra.” (Jn 1, 9). Com esta resposta, Jonas quis caracterizar a sua condição de peregrino. É um bom alerta para nós tentar imaginar a cena e perceber qual teria sido a nossa resposta. Será que conhecemos o plano de Deus para a nossa vida? Sabemos quem somos?

A terceira observação diz respeito à bondade daquela tripulação. A narrativa se preocupa em descrever como estavam preocupados com a sorte de Jonas e como desejavam não precisar lançá-lo ao mar. Esta atitude contrasta com a do profeta. Pessoas fora do povo de Deus demonstravam mais zelo com um estrangeiro do que Jonas com a cidade de Nínive. Este é mais um ponto que não podemos deixar passar despercebido.

Em seguida, destacamos que, quando viram que o mar agora se aquietara, aqueles homens, nos dizeres do livro, “adoraram o Senhor com temor, oferecendo-lhe sacrifício e fazendo votos”. (Jn 1,16b.) O que fazemos quando as nossas tempestades acalmam? A quem adoramos? Com quem nos alegramos?

Por fim, enxergamos a ação de Deus quando, após haver acalmado o mar, envia para Jonas um grande peixe, faminto e “o Senhor fez com que um grande peixe engolisse Jonas e ele ficou dentro do peixe três dias e três noites.” (Jn 1, 17). Voltaremos a este ponto no próximo encontro. Deixamos, no entanto, uma pergunta: quanto tempo é necessário para fazer o ser humano considerar os caminhos de Deus? Para Jonas, foram três dias e três noites. Este simbolismo será explorado oportunamente. E para nós?

ⁱ Ver interessante discussão sobre a necessidade de, em nome de Deus, se apregoar boas novas em KILPP, Nelson. *Jonas* Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal. 1994

ⁱⁱ PEREIRA, Nancy Cardoso. *Lições de Cartografia – Pequena Introdução ao Livro de Jonas* em Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana.35/36 Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal. 2000 p.202